

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

IMPERMANÊNCIAS: REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE
NA EFEMERIDADE DA ANTOTIPIA

ISABELLE LOPES TAFURI

UBERLÂNDIA, MG

2023

ISABELLE LOPES TAFURI

IMPERMANÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE
NA EFEMERIDADE DA ANTOTIPIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Artes Visuais,
como requisito parcial para obtenção do grau
Bacharel em Artes Visuais pela Universidade
Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

UBERLÂNDIA, MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Guilherme, que em vida sempre me apoiou a fazer arte e que, mesmo após sua partida, me guiou até aqui. Obrigada, Guizinho, por ter me dado as melhores memórias e ter sido meu melhor amigo. Este trabalho é por você.

Agradeço aos meus pais, Edson e Adriana, por toda a ajuda e incentivo que me deram durante a graduação (e desde sempre). Ao meu irmão, Erik, parceiro de longa data, e minha tia Patrícia, que me inspira e foi amparo em tantos momentos.

Agradeço minha amiga Cecília, por todo o companheirismo e gentileza durante esses cinco anos. Juntas, construímos um lar acolhedor e cheio de risadas.

Agradeço também minha amiga Amanda, que mesmo de longe, se fez presente em mais um ciclo da minha vida.

Agradeço imensamente a todos que estiveram do meu lado, especialmente no último ano. Não foi fácil e sem vocês eu não teria dado conta. Guardo com carinho cada um. Sou grata pelo acolhimento nos momentos difíceis e principalmente por terem me ajudado a viver experiências felizes de novo.

Aos meus gatos, obrigada por serem simplesmente lindooos.

Por fim, agradeço a Universidade Pública e Gratuita pela contribuição em minha formação, meu orientador, Paulo, que além de me dar luz ao longo da pesquisa, também me ensinou muito sobre a vida, e agradeço a Susu, minha psicóloga, que me guiou por tantas reflexões que acabaram chegando até esse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho em Artes Visuais tem como objetivo representar um processo de reflexão pessoal a respeito da morte e impermanência através da antotipia, um meio fotográfico alternativo, estabelecendo diálogos entre a efemeridade e a perda. A pesquisa se desenvolve a partir da vivência do luto pela perda de uma pessoa amada, explorando diferentes perspectivas sobre a morte na psicologia, ciência, filosofia e religião.

Palavras-chave: antotipia; morte; impermanência; luto; artes visuais;

ABSTRACT

The purpose of this present work in Visual Arts is to represent a personal process of reflection about death and impermanence through anthotypes, an alternative photography method, establishing dialogues between loss and the ephemeral. The research develops from an experience of grief for a loved one's death, exploring different perspectives of death in psychology, science, philosophy and religion.

Keywords: anthotypes; death; impermanence; grief; visual arts;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. EDWARDS, Nettie. Grave Goods	15
Figura 2. LEE, Amber. Kept in the Dark	25
Figura 3. Pétalas de Begonia elatior antes da maceração.....	28
Figura 4. Pétalas de Begonia elatior maceradas com adição de álcool 70%.	28
Figura 5. Pétalas de Begonia elatior na peneira após a escoação do suco.	29
Figura 6. Teste de lavagem com meio base (solução de bicarbonato de sódio).....	31
Figura 7. Teste de lavagem com meio base (solução de bicarbonato de sódio).....	31
Figura 8. Teste de meios ácidos em emulsão de com Allium cepa.....	32
Figura 9. Teste de meios ácidos em emulsão de com Cosmos sulphureus.....	32
Figura 10. Teste de meios ácidos em emulsão de Hibiscus rosa-sinensis	32
Figura 11. Fotografia antes da aplicação dos filtros	33
Figura 12. Fotografia editada para a impressão da transparência.	34
Figura 13. Montagem do “sanduíche”.	34
Figura 14. TAFURI, Isabelle. Begônia Póstuma (1)	37
Figura 15. TAFURI, Isabelle. Begônia Póstuma (2)	38
Figura 16. TAFURI, Isabelle. Begônia Póstuma (3)	38
Figura 17. TAFURI, Isabelle. Begônia Póstuma (4)	39
Figura 18. TAFURI, Isabelle. Tempo bom que não volta mais	40
Figura 19. TAFURI, Isabelle. Juízo	41
Figura 20. TAFURI, Isabelle. Primaveras	41
Figura 21. TAFURI, Isabelle. Luto	43
Figura 22. TAFURI, Isabelle. Amor	43

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Vamos começar falando sobre o Fim	12
2. A Elaboração da Morte	18
2.1. Ciência, Filosofia e Religião	18
2.2. Ritos Fúnebres	20
3. Antotipia	23
3.1. Sol / Luz UV	25
3.2. Emulsão / Pigmentos Naturais	27
3.3. Impressão da imagem	33
4. Reflexões sobre vida e morte na efemeridade da antotipia	36
4.1. Begônia Póstuma	37
4.2. Tempo bom que não volta mais, Juízo e Primaveras	39
4.3. Luto	42
5. Conclusão	44
Referências	45

INTRODUÇÃO

As flores estavam lindas. Eram muitas, como você merece. Eu nunca pensei que sairia de casa para isso. Te via ali... mas não era você lá deitado, frio. Lembro de você quente, sorrindo. As flores estavam lindas. Quero te contar tanto, mas não posso. Te procuro em todas as coisas. Encontrei sua falta em todas elas. Ainda te sinto, mas você não está mais aqui. As flores estavam lindas. Te guardarei comigo. Sua falta dói muito, meu amigo. Meu melhor amigo. Mas as flores estavam lindas. Como era bom rir com você. Eu sempre vou acreditar que poderia ter feito mais. Por isso, me desculpe. Lembrarei das flores. Do seu sorriso, do seu abraço, das nossas histórias.

Mesmo com as mais belas flores, não posso mentir: ainda sofro com sua falta. É verdade o que dizem, o luto é eterno. Sofro, mas a dor vem se transformando. O choro não é por desespero ou culpa, ou frustração. Tenho praticado preencher o vazio que deixou com as tantas coisas que compartilhamos. As risadas, segredos, lágrimas, amores e descobertas que dividimos. Parte da infância, a adolescência e o início da vida adulta. A dor que continua tem nome, é saudade.

No dia 29 de outubro de 2022, a morte passou a fazer parte da minha vida. Levou meu melhor amigo. O luto me engoliu e isso é o que foi regurgitado. Um processo de reflexão sobre o sentido da morte. Num ato de apropriação, a arte se faz meio para investigar a efemeridade de todas as coisas.

Guilherme, sua falta me fez observar a vida como uma trajetória formada por vários ciclos, partes de um todo. Hoje, vejo que me falta tanto - em relação a ontem, a um ano, a dois anos. Vejo também que no vazio do que falta é possível crescer, nascer. Enxergo, hoje, diversas perdas. O fim de várias etapas, cada uma com sua intensidade e consequências. Das mais pequeninas (a viagem que passou, a festa de aniversário, o cafezinho com a tia), até a sua morte; a maior das minhas perdas. Sei, agora, que a morte está presente, ela me acompanha. Está em cada coisa que fica para trás, em cada decisão que eu tomo.

É possível ganhar com a perda, além do sofrimento?

Ao longo dessa pesquisa, mergulho em diferentes percepções sobre a morte. Depois, procuro relacionar toda a experiência de descoberta e observação pessoal em uma produção visual realizada em antotipia, um processo de impressão fotográfica alternativo que utiliza a fotossensibilidade dos pigmentos de plantas para imprimir

imagens. A antotipia também traz sua própria contribuição para o meu entendimento da impermanência das coisas, visto que também é impermanente. Contando que receba luz solar, o pigmento natural continuará desaparecendo, até desbotar completamente. Por sua vez, o pigmento natural surge de uma flor, por exemplo, que já foi semente, mas transformou-se até apresentar lindas pétalas coloridas (que posteriormente seriam maceradas para a extração de seu pigmento, e assim por diante).

O primeiro verde da natureza é dourado,
Para ela, o tom mais difícil de fixar.
Sua primeira folha é uma flor,
Mas só durante uma hora.
Depois folha se rende a folha.
Assim o Paraíso afundou na dor,
Assim a aurora se transforma em dia.
Nada que é dourado fica.

Robert Frost

1. VAMOS COMEÇAR FALANDO SOBRE O FIM

No dia 29 de outubro de 2022, minha relação com a morte mudou. Até aquele momento, havia sofrido apenas pela perda de animais de estimação de infância. Três morreram por causas naturais, depois de aproveitar uma vida plena. Um morreu de acidente: Dudu foi atropelado. O susto da perda do gato Dudu me pegou, senti o luto mais intensamente. Pensava nos chamegos que ainda podíamos ter trocado, em seu pelo macio, no quanto ele era importante para a família e principalmente no quanto a sua partida era injusta e precoce. Pensava, ainda, na ignorância do gatinho diante da morte e o medo que imagino ter sentido em seus últimos momentos de vida.

Refleti bastante sobre sua inocência, sobre o momento em que ele partiu. É fato que gatos são animais de instinto aguçado. Eles exploram, arriscam-se e são caçadores natos. Naquele momento, é fato que ele se sentiu em risco. É fato que sentiu dor e medo. Mas não é possível saber se seu instinto detectou que estava morrendo. Reconheço que sofrer ao pensar que ele estava sozinho nesse “momento assustador” e se sentindo desamparado no fim da vida é fruto da minha perspectiva humana. Reconheço, também, que meu gatinho Dudu – apesar os fatos que se faziam presentes e causavam sofrimento – com certeza não se incomodava com o mistério da morte como nós, humanos.

Agora, reflito sobre a nossa inocência diante da morte. A inocência que insistimos em ter. É incômodo lembrar que também somos animais, mortais, à mercê do tempo e de todos os acontecimentos que podem vir a acontecer durante a vida (inclusive um acidente mortal). A morte faz parte do nosso ciclo natural. Desde o momento em que nascemos, colocamos em prática o instinto de sobrevivência e tememos a morte. Quando recém-nascidos, por exemplo, choramos quando nossas mães se ausentam, como se esta separação fosse o prenúncio da nossa morte. A mãe é segurança, alimento, proteção. Judith Viorst (2007, p. 20), pesquisadora em psicanálise, escreve que “O primeiro terror que conhecemos é o medo de perdê-la”. Sem a figura materna, há a ansiedade pelo fato intrínseco de que sem os cuidados de alguém, morreremos (VIORST, 2007)

Quando eventualmente deixamos de ser nenéns, nos tornamos prisioneiros de nossa própria cognição. Aprendemos que um dia a luz se apagará, e isso nos assombra: não sabemos quando, nem como, muito menos o que acontece depois (ou sequer se acontece algo). A sombra da morte molda nossas escolhas, nossos valores,

nossa religião, nossa fé e nossos relacionamentos. Buscamos desesperadamente significado em uma existência que sabemos ser finita.

“O homem tem o dom do raciocínio; ele é a vida consciente de si mesma... Essa percepção do próprio eu como entidade separada, a consciência da pouca duração da vida, do fato de que ele não nasce por vontade própria e não morre por vontade própria, de que morrerá antes daqueles que ama, ou eles antes dele, a consciência da sua solidão e separação, do seu desamparo perante as forças da natureza e da sociedade, tudo isso faz da sua existência separada e desunida uma prisão intolerável.” (Judith Viorst, 2007, p. 86)

Isso talvez explique a recusa em se falar sobre a morte, pelo menos em nossa cultura ocidental. Como se ao deixar de tocar no assunto, estamos adiando sua chegada. Mas, é claro, a partir do momento que nascemos, estamos devidamente destinados a morrer. Ao viver, planejamos a vida; queremos isso e queremos aquilo, planejamos e buscamos controle do que pode vir a acontecer ao longo dessa experiência, mas nada nos é garantido. Nada garante que nossos sonhos e objetivos serão realidade. O que é garantia, certeza absoluta, é que vamos morrer. E por quê, então, mesmo temendo a morte, sabendo que ela virá, sendo inesperadamente ou com aviso prévio, não nos preparamos para ela?

Em “A morte é um dia que vale a pena viver”, a médica e escritora Ana Claudia Quintana (2016), relata sua vivência como médica e sua relação com a morte. Ela diz que cuida de pessoas que morrem: é médica de cuidados paliativos. Em sua vasta experiência com pacientes à beira da morte, ela faz algumas considerações sobre esse questionamento e o desconforto de pensar sobre morrer. No livro, ela convida os corajosos a responder: “como seria o seu tempo quando você estivesse em um leito de hospital, à espera de que alguém entrasse no quarto? Como seria a espera pelo momento de virem trocar a sua fralda?” (QUINTANA, Ana Cláudia. 2016, p. 45)

“A percepção do morrer traz a consciência de que nada do que temos ficará conosco. Nosso tempo por aqui não voltará, pois não é possível economizar tempo, poupar tempo. Gastamos tempo com bobagens, com sofrimentos desnecessários. A maioria de nós chega a ser perdulária em relação ao gasto com o tempo de vida. E não há como se apegar a ele. Você se apega a tudo: às pessoas, às roupas, ao dinheiro, ao carro. Bens materiais que compra e leva para casa. Mas não é possível segurar o tempo.” (QUINTANA, Ana Cláudia. 2016, p. 45)

Quando recebi a notícia da morte do meu melhor amigo, com quem compartilhei tanto durante a vida, tudo mudou. A morte se tornou mais que uma assombração. Se tornou um buraco, um vazio, dentro de mim. A morte se tornou real, enquanto o mundo parecia de mentira, estranho. Parecia estranho porque era mesmo.

Quando meu amigo se foi, levou com ele o mundo que eu conhecia. O que encontrei depois foi, de fato, estranheza.

No mundo que eu conhecia, nos conhecemos no ensino fundamental. Brincávamos na fazendinha e jogávamos no computador. No mundo que eu conhecia, saíamos de madrugada para ver a cidade do alto, falando de tudo. No mundo de antes, dividíamos músicas, filmes, incertezas e sonhos. No mundo de antes, enfrentávamos a universidade e a chegada da vida adulta, juntos. No mundo de agora, ele não está mais comigo. Não há mais a escola ou a fazendinha, nem fugas na madrugada. Nossas músicas se tornaram difíceis de escutar, os sonhos viraram incertezas e a universidade logo vai chegar ao fim.

No luto, passei a questionar o tempo e como eu estava passando por ele. Percebi que nem tudo que eu havia perdido era de carne e osso. A princípio, me perguntei se todo o tempo que passei ao lado do meu amigo teria sido levado com ele para a terra. Tive medo de ter perdido aqueles momentos e nossas histórias.

Agora, quase um ano após sua partida, consigo refletir com mais clareza a respeito de todas as coisas que achei terem sido levadas com ele. A verdade é que elas já tinham ido há muito tempo. Nós já não éramos mais crianças e o ensino médio havia acabado há anos.

Tive o privilégio de dividir com ele esse longo período que nos permitiu começar e terminar tantas coisas. Lamento ao pensar que ele não estará mais a uma caminhada de distância para conhecermos juntos as novas fases da vida. Infelizmente, seguirei sem a sua companhia física. Mas, no meu ser, na nossa história, sempre estaremos juntos. O amor que sinto por ele persevera.

Compreendi, então, que a vida nos dá de presente, sem escrúpulos, perdas diárias. Algumas em maior escala que outras. Relacionamentos e empregos que chegam ao fim, encontros adiados. Expectativas que são quebradas, sonhos que perdem o sentido. O eu da infância que se vai, dando lugar ao eu da adolescência, que por sua vez dará lugar ao próximo eu... Até alcançarmos, enfim, o fim definitivo: a ausência do próprio eu.

Mentimos para nós mesmos quando nos poupamos de pensar sobre a morte. Mas quando encaramos a verdade (de que vamos morrer - ou que coisas que amamos podem acabar, que pessoas podem ir embora), é que podemos nos conectar e mergulhar verdadeiramente em nós mesmos.

Nettie Edwards, artista que investiga a efemeridade e memória através da antotipia, apresenta a fotografia em sua obra “Grave Goods” (2020) não como um meio de preservação de memória, mas sim como um ato de superação, dialogando com a efemeridade da antotipia. Ela ressignifica objetos que pertenceram à sua tia após sua morte (Figura 1). Os objetos, que um dia foram especiais à tia, tocados e escolhidos por ela, são utilizados na produção de antotípias, tanto como suportes quanto para impressão de imagens. Até a produção de fato do trabalho artístico, os objetos da tia coletados após sua morte ficaram guardados por dois anos. Edwards compartilhou, em seu website oficial, ter sentido receio de que, ao se desfazer daqueles objetos, estaria enterrando sua tia uma segunda vez.

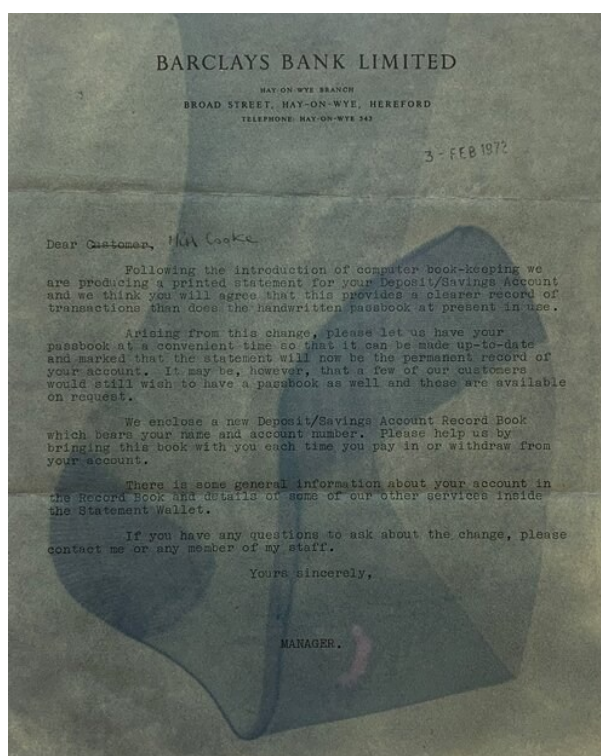


Figura 1. EDWARDS, Nettie. **Grave Goods**. Tulip flower emulsion Anthotype of stocking printed on letter from manager of Barclays Bank, Hay on Wye, Herefordshire. 2020. Fonte: Website da artista ¹.

Certo, então. A morte não deixará de acontecer. Sempre perderemos coisas, mas... é possível ganhar com a perda, além do sofrimento? O que fazer com essa dor?

¹ Disponível em: <<https://www.lumilyon.co.uk/new-page>>. Acesso em: 11, nov. 2023.

Entender isso, questionar o caminho, sabendo que a terminalidade nos espera em todas as direções - sem termos conhecimento se será na próxima esquina ou em setenta quarteirões - faz com que aproveitemos melhor o agora. Não saber a distância nos dá a chance de sentir a plenitude. O tempo se torna mais valioso.

É claro que, colocando dessa forma, parece simples. Mas pode ser bem desconfortável. Quantas coisas gostaríamos que permanecessem como estão? Pessoas que queremos ter ao nosso lado pelo resto da vida?

Pensar nisso também é admitir que não se tem controle sobre as coisas. Alguns ciclos precisam acabar, mesmo. Algumas pessoas precisam partir. Às vezes, nós mesmos precisaremos deixar alguma parte de nós para trás. Mas é o fim dessas tantas coisas que nos deixam que dão lugar para tantas outras. Então, pensar na morte é também pensar na vida.

Sobre o sofrimento, observo que este se mostra indiscutivelmente responsável por importantes transformações humanas. Transformações que podem, sim, serem boas. Eu lamento, agora e sempre, que a morte de alguém que eu amava tanto tenha sido o gatilho para que descobrisse e aprendesse tantas coisas. Com isso, concluo que levarei comigo perpetuamente o produto desse sofrimento: a transformação que essa experiência causou.

A dor do luto é proporcional à intensidade do amor vivido na relação rompida pela morte, mas também é por meio desse amor que conseguiremos nos reconstruir (VIORST, 2007). Percebo este trabalho como consequência do amor que sinto por Guilherme.

O amor me fere é debaixo do braço,
de um vão entre as costelas.
Atinge meu coração é por esta via inclinada.
Eu ponho o amor no pilão com cinza
e grão de roxo e soco. Macero ele,
faço dele cataplasma
e ponho sobre a ferida.

Adélia Prado

2. A ELABORAÇÃO DA MORTE

2.1. Ciência, Filosofia e Religião

A morte pode ser compreendida de várias maneiras, sendo elaborada em diferentes contextos. De uma perspectiva científica, a morte é definida pelo falecimento de um indivíduo, um evento natural inevitável ou até mesmo como um mecanismo de autorregulação da natureza. No contexto médico, o falecimento de um indivíduo é determinado pela morte cerebral, envolvendo um conjunto de dados clínicos que indicam danos cerebrais irreversíveis. No cenário de um evento natural, a morte se manifesta como resultado da idade avançada. Já a morte vista como autorregulação da natureza refere-se a ideia de que o óbito dos indivíduos pode ser um meio de evitar a superpopulação do ambiente em que vivem, contribuindo para a sobrevivência da espécie. Diante da morte, há igualdade entre os seres humanos. É o fato comum entre todos os seres. Assim, as palavras de Marco Aurélio ganham significado: “Alexandre da Macedônia e seu arrieiro, uma vez mortos, tornaram-se iguais perante esse destino inevitável²”.

Na filosofia, a morte assume um papel diferente. No existencialismo de Heidegger, a morte é símbolo da limitação e singularidade da existência humana, um aspecto que o indivíduo deve enfrentar para evitar a alienação de si mesmo e a banalidade do dia a dia. Heidegger argumenta que a morte “revela a possibilidade mais íntima, inescapável e insuperável”. No entanto, escreve que o reconhecimento da finitude imposta pela morte é fundamental para nossa compreensão e representação da vida.

Em “Sobre a Brevidade da Vida”, Sêneca, o filósofo estoico, discute a natureza efêmera da existência humana e aborda a questão da morte com uma perspectiva que busca orientar as pessoas a viverem suas vidas de forma mais significativa. Ele argumenta que a maioria das pessoas desperdiça seu tempo, preocupando-se com futilidades, perdendo de vista o valor do presente, alheias ao tempo. Adiam seus planos para o futuro, para quando se aposentarem, para quando tiverem mais dinheiro, mais tempo. Agem como se tivessem a certeza de que viverão uma longa

² MARCO AURÉLIO, *Recordações*, VI, 24.

vida. No entanto, nada garante que a vida os proporcionará tanto tempo. Sêneca enfatiza que a morte é inevitável e sugere que, se vivermos de acordo com princípios éticos e buscarmos o autoaperfeiçoamento, podemos superar a preocupação com a morte e encontrar satisfação na qualidade da vida que levamos, em vez de temer seu fim (Sêneca, 1993). Ele encoraja as pessoas a não enfrentar a morte como um evento a ser temido, e sim aceitando-a como uma transição natural, como parte integral da existência humana.

Em diversas tradições religiosas, a mortalidade ocupa uma posição central. As concepções e práticas relacionadas à morte apresentam variações entre distintas vertentes religiosas. Agora, abordaremos brevemente algumas perspectivas sobre a morte conforme as cinco principais religiões³ no mundo.

No cristianismo, a morte é vista como uma passagem da vida terrena para a vida eterna. Os cristãos acreditam na ressurreição dos mortos e no juízo final, onde as almas serão recompensadas ou punidas de acordo com suas ações durante a vida. A morte de Jesus Cristo é vista como um meio de redenção e perdão dos pecados (Diniz, 2013).

No Islã, a morte é vista como a transição da vida terrena para a vida após a morte. Os muçulmanos acreditam em um Dia do Juízo, onde todas as ações serão avaliadas por Deus, e as almas serão recompensadas ou punidas com base em sua fé e boas obras. Para o Judaísmo, a morte é vista como uma transição da vida terrena para a vida eterna, com um foco na importância da vida após a morte. Os Judeus acreditam em uma ressurreição futura e que a alma é imortal. Já no Hinduísmo, a morte é vista como uma parte natural do ciclo de reencarnação. A alma (Atman) reencarna em diferentes corpos até atingir a liberação espiritual (Moksha) e escapar do ciclo de nascimento e morte (samsara).

No budismo, a morte também é compreendida dentro do contexto do ciclo de reencarnação, conhecido como “samsara”. Os budistas acreditam que a morte marca uma transição da vida atual para uma próxima encarnação, determinada pelas ações

³ De acordo com o World FactBook, da CIA (Central Intelligence Agency), mundialmente, a relação de indivíduos adeptos às religiões é Cristianismo 31.1%, Islamismo 24.9%, Hinduísmo 15.2%, Budismo 6.6%, religiões pagãs 5.6%, Judaísmo <1%, outros <1% e sem afiliação 15.6% (2020). Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/world/#people-and-society>>. Acesso em: 11, nov. 2023.

acumuladas, conhecidas como “karma”. A visão budista da morte é permeada por uma compreensão de que a vida é impermanente, e a morte é uma parte inevitável desse ciclo contínuo (Villas Boas, et al., 2021).

Um dos objetivos centrais do Budismo é alcançar o estado de Nirvana, que pode ser descrito (nunca definido) como a ausência do sofrimento e de suas causas: a ignorância, a cólera e as paixões descontroladas. Nesse contexto, o sofrimento se relaciona com a morte por conta do hábito do ser humano de projetar desejos de estabilidade e permanência em coisas efêmeras e relativas. O ser humano não pode mudar a realidade efêmera de todas as coisas em função de sua vontade e, por isso, sente e experimenta a impermanência das coisas como algo indesejável, como angústia e sofrimento (Ricardo Mário Gonçalves, 2005). Além disso, na prática budista, o processo da morte dos praticantes é considerado um momento crítico, em que é recomendado que os praticantes estejam conscientes e mantendo pensamentos positivos e virtuosos durante essa transição. Essa consciência e bondade podem influenciar o próximo destino da alma.

Nesse sentido, encontro nos pilares do Budismo semelhança com o que investigo neste trabalho. Uma visão integrada da vida e morte, em que tudo é impermanente e em constante transformação. Através da efemeridade da antotipia, investigo a morte e a impermanência de forma visual. Dialogando também com a compreensão de Heidegger sobre a morte, o trabalho é a materialização de um processo pessoal de reflexão sobre a finitude e a realidade da existência humana.

2.2. Ritos Fúnebres

De fato, não é possível escapar da morte. Podemos entender os rituais funerários como uma forma de lidar com a partida de indivíduos queridos, uma forma de enfrentar a perda. As práticas variam em natureza, mas tem o objetivo em comum de honrar os mortos e trazer consolo aos enlutados.

Os primeiros registros de ritos fúnebres começam lá atrás, na transição do Paleolítico Médio para o Paleolítico superior. Um momento da história marcado por uma explosão cultural e a evolução da mente humana. Esta ocorre quando as três bases da inteligência humana (a inteligência técnica, naturalista e social) se fundem e proporcionam ao homem, meios de fazer uma transformação no ambiente no qual

está inserido⁴. É nesse momento que o agora Homo Sapiens Sapiens passa a ter compreensão simbólica, que é desenvolvida através da linguagem. Assim, começam a ocorrer as primeiras manifestações artísticas e expressões de religião. Desde o Homo Erectus até o Homo Sapiens Sapiens, houve um desenvolvimento gradual do cérebro, permitindo um contato mais amplo com o meio ambiente. Com o surgimento do Homo Sapiens arcaico e do Homem de Neandertal, surgiram os primeiros indícios de sepultamentos. Estes, a princípio, sem rituais funerários ou objetos depositados nas covas. Foi somente com o Homo Sapiens Sapiens, durante o Paleolítico Superior, que ritos começaram a ser realizados, com o uso de totens e objetos depositados nos túmulos (Possebon; Medeiros, 2014).

“O homem passa a produzir uma espécie de ritual para seus mortos mostrando, com isso, que há uma abstração em relação ao ser que não está mais entre eles, e há também um elo com esse ser.” (Rituais Fúnebres da Pré-História à Grécia Antiga: As Bases de uma Religião, 2014. p. 66)

Ao longo da história, assim como a humanidade, os rituais fúnebres também evoluíram. Hoje, desempenham um papel fundamental na expressão da cultura, religião e tradições de diferentes sociedades ao redor do mundo. Cada ritual reflete crenças, valores e tradições específicas do local.

No Japão, por exemplo, o ritual fúnebre é chamado de "enterro Zen." Os japoneses têm uma forte tradição budista, e a cremação é uma prática comum. Após a cremação, as cinzas são frequentemente mantidas em uma urna e colocadas em um altar doméstico, onde os membros da família oferecem orações e lembranças (Carmo, 2017).

Já no Irã, a cremação é considerada inaceitável de acordo com as crenças islâmicas predominantes. Os funerais são realizados de acordo com os preceitos muçulmanos, e os corpos são enterrados em cemitérios especiais.

Em Gana, os funerais são geralmente elaborados e festivos. Os funerais são vistos como uma oportunidade para homenagear os mortos e celebrar suas vidas. Os

⁴ MITHEN, S. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência, p. 262.

parentes do falecido vestem-se com roupas coloridas, dançam e fazem músicas, com alegria e respeito (Diamente; Barros, 2020).

No Tibet, é comum a prática de oferecer os corpos dos mortos às aves de rapina em uma cerimônia chamada "excarnação aérea." Acredita-se que essa prática ajude as almas a se libertarem do ciclo de reencarnação e encontrem o caminho para a iluminação. Os Hindus, no Nepal, praticam a cremação aberta em margens de rios, como o Bagmati, em Katmandu. Acredita-se que a cremação em um local sagrado ajude na transição da alma para a próxima vida (Dias, 2009).

Em Madagascar, o ritual fúnebre é conhecido como "famadihana" ou "dança dos mortos." A cada sete anos, os mortos são exumados, seus corpos são envolvidos em novos lençóis, e são celebrados com música e dança. Esse ritual reflete a crença de que a conexão com os mortos permanece viva e que eles continuam a fazer parte da comunidade (Diamente; Barros, 2020).

Em minha experiência, posso dizer que utilizei da arte para elaborar o luto pela perda de meu amigo Guilherme, além do tradicional velório e enterro. Não sou uma pessoa religiosa, mas como artista visual, encontrei no fazer artístico o meu rito fúnebre pessoal. Foi a forma mais honesta e íntima que poderia homenageá-lo. Além de homenagem, uma maneira de processar a dor e possivelmente dividir com o Outro essas reflexões a respeito do luto.

3. ANTOTIPIA

A antotipia é um suporte que por si só remete ao que foi escrito em capítulos anteriores sobre a perda e a impermanência. Trata-se de um processo fotográfico alternativo, não prejudicial ao meio ambiente, que utiliza de materiais naturais para formação de imagens. São usados pigmentos extraídos de flores, plantas e vegetais. Aproveitando-se das propriedades foto reagentes desses pigmentos, é possível expor um papel tingido com estes à luz solar, revelando formas e imagens. À medida que a exposição solar acontece, o pigmento desbota, revelando a imagem formada. A questão é que, após a formação da imagem, o pigmento continuará desbotando até que desapareça completamente, enquanto recebe alguma fonte de luz UV. O desaparecimento da imagem com o passar do tempo é inevitável. A imagem formada é impermanente, assim como tudo que compõe a vida.

Antotipia, ou "anthotype" em inglês, foi uma das primeiras técnicas utilizadas para criar imagens. A palavra "anthos" provém do grego, significando "flor", e "type" deriva-se do latim "typus", que se traduz como figura ou imagem, além do grego, que se relaciona à impressão ou marca. Assim, podemos interpretar seu significado de maneira ampla como uma imagem feita a partir flores (Malin Fabri, 2012).

A Antotipia surgiu no século XIX, a partir de estudos e um cientista influente durante a era vitoriana na Inglaterra, chamado Johh Herschel, que era conhecido por seus experimentos e pesquisas no campo da fotoquímica, contribuindo principalmente no desenvolvimento de técnicas de impressão fotográfica. Herschel tomou interesse pela fotossensibilidade dos pigmentos vegetais e conduziu diversos experimentos que foram registrados em um artigo publicado em 1842. No artigo, ele descreve sua experiência e estudos, o procedimento de preparo dos pigmentos vegetais para realizar a impressão e ainda faz comentários sobre a reação das flores utilizadas (a qualidade das imagens formadas) (Coelho, 2013).

Dentro da pesquisa que realizei, constatei não ser uma técnica tão utilizada. Existe certa dificuldade em encontrar artistas que utilizam a antotipia como linguagem, quando em comparação com encontrar artistas que produzem imagens com

cianotipia⁵, por exemplo. Produzir imagens em antotipia necessita de muito tempo. Tempo para colher as flores, tempo para macerá-las e tempo para exposição (que pode levar dias ou semanas). Além disso, o processo está sujeito a muitas incertezas, e o resultado, assim, é um imprevisto. A qualidade da formação da imagem vai depender da concentração do pigmento, da quantidade de luz que recebeu, do tempo que foi exposto, do objeto ou transparência que se deseja imprimir, da forma de cultivo da flor ou vegetal. Muita experimentação está envolvida para, no fim, se tudo ocorrer como o esperado, terminar com uma imagem impermanente. Isso porque os pigmentos vegetais nunca param de reagir e, desde que esteja em contato com a luz, irá clarear gradualmente até desaparecer completamente.

Mas é exatamente nessas particularidades que encontro lar para esse trabalho.

A impressão em antotipia carrega esta compreensão efêmera e de transitoriedade. Está intrinsecamente ligada ao tempo, a ciclos e à impermanência. Como colocado em capítulos anteriores, tudo está sujeito à passagem do tempo e à inevitabilidade da morte. Cada imagem feita com a antotipia, assim como a vida, é uma jornada de transformação. Da terra à semente, à flor, às pétalas. Das pétalas à colheita, à maceração, ao pigmento. Do pigmento à emulsão, ao papel, ao sol, à imagem. Da imagem ao desaparecimento, ao sumiço da figura impressa, à morte da imagem.

A fotógrafa Amber Lee explora a efemeridade, passagem do tempo e memória em seu trabalho “Kept in the Dark” (Figura 2), um conjunto de quarenta e quatro impressões em antotipia da fotografia de obituário de sua mãe (que aos quarenta e quatro anos tirou sua própria vida). Foram utilizados extratos de diferentes flores, plantas e vegetais.

⁵ Outro processo de fotografia alternativo, também de contato sensível a UV, obtido através de reação química (citrato férrico amoniacal e ferrocianeto de potássio). Produz impressões altamente estáveis e de alto contraste.



Figura 2. LEE, Amber. **Kept in the Dark**. 2022. Conjunto de antotípias. Fonte: Rede social da artista⁶.

Em minha produção prática, procuro resgatar a técnica para explorar as perdas que encontramos pela vida, a morte e o luto. Utilizo a antotípia como meio de impressão fotográfica em um ensaio visual sobre a minha experiência e reflexão sobre a morte.

Para imprimir uma imagem em antotípia, não é necessário utilizar nenhum componente químico. É uma técnica natural, segura tanto para quem escolher usá-la quanto para o meio ambiente. Basicamente, você só precisa de sol, uma emulsão⁷ preparada com pigmentos naturais, um objeto ou imagem a serem revelados, papel e tempo.

3.1. Sol / Luz UV

O sol é o principal ativo para realizar a impressão. Na antotípia, a “revelação” da imagem se dá pelo desbotamento do pigmento. A imagem se forma pela combinação de partes protegidas da luz e expostas à (a partir de objetos ou um filme positivo). Para acontecer o desbotamento do pigmento vegetal, é necessário incidência de luz UV – encontrada gratuitamente nos raios solares. Por isso, o melhor momento para revelar uma imagem em antotípia com qualidade é em dias ensolarados, pois o tempo de exposição será menor. Também é possível revelar as

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CeeKgDIuh9_/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

⁷ Emulsão (mistura de dois líquidos imiscíveis que forma uma mistura estável) não é o termo correto cientificamente para se referir ao líquido que tinge o papel das antotípias. Entretanto, estando em um contexto fotográfico, é o termo utilizado em livros e trabalhos sobre antotípia. Por isso, ao longo do texto, utilizo o termo emulsão para me referir ao suco feito a partir dos pigmentos de flores e vegetais.

imagens em antotipia utilizando outras fontes de luz, desde que seja uma fonte UV, como uma mesa de serigrafia ou uma lâmpada de cura.

Durante a pesquisa, experimentei a impressão em antotipia usando a mesa de serigrafia que é disponibilizada no Laboratório de Processos Gráficos da Universidade Federal de Uberlândia. Com papéis tingidos com pigmentos de diferentes flores e vegetais, fiz minha investigação. O esperado era que por se tratar de uma grande mesa de serigrafia, contando com uma forte incidência de raios UV concentrados nos papéis e objetos, a imagem se formaria mais rapidamente. Isso possibilitaria a realização das antotipias independente dos dias ensolarados, podendo até auxiliar no processo de impressão das imagens finais deste trabalho.

Preparei os papéis com emulsões de casca de cebola (*Allium cepa*), as flores “Cosmos Amarelo” (*Cosmos sulphureus*), “Primavera” (*Bougainvillea glabra*), “Crista de galo” (*Celosia argentea*) e flor de hibisco (*Celosia argentea*). O plano inicial era tapar parte do papel por determinado tempo dentro da mesa de serigrafia, verificar o desbotamento, posicionar novamente e deixar por mais um pouco de tempo, repetindo o processo para registrar o resultado de clareamento a partir de diferentes períodos de exposição à luz UV. Foi considerado, também, que os resultados poderiam variar de pigmento para pigmento em tempos de exposição iguais.

Com um período inicial de 20 minutos, não observei alteração alguma na cor de qualquer pigmento. Então, para o próximo período considerei 45 minutos. Ao final dos 45 minutos, contabilizando 60 minutos no total, também não observei nenhuma mudança de cor nos papéis. Com isso, decidi deixar os papéis em exposição por mais 2 horas.

Após as 3 horas totais de exposição, foi possível observar um leve sombreamento no local em que o papel fora sobreposto. Entretanto, o leve sombreamento se mostrava tão leve que era quase imperceptível. Por fim, decidi pelo fim do experimento.

Dois pontos me motivaram a desistir da mesa de serigrafia. O primeiro é que, com base nas horas de exposição, cheguei à conclusão de que para obter um resultado satisfatório no laboratório seriam necessárias muitas horas de luz UV artificial – igualmente se fossem expostas na luz do sol. Isso refletiria em longuíssimas sessões com a mesa ligada, consumindo quantidades absurdas de energia por dias (possivelmente semanas, dependendo da emulsão). Considerando que uma das principais características da revelação fotográfica em antotipia é sua relação com a

natureza e o fato de não causar danos para o meio ambiente, não faria sentido proceder desta forma.

Minha segunda motivação foi o envolvimento pessoal com o processo. Os procedimentos naturais da antotipia (colher determinadas flores, preparar emulsão, aguardar a exposição sob o sol) se mostraram muito importantes para mim. Durante o tempo de preparo, consegui refletir sobre as minhas intenções com cada imagem que seria revelada, desde a colheita, até o momento de descobrir o resultado da impressão. No laboratório, ambiente fechado, senti o processo se tornar mais impessoal.

3.2. Emulsão / Pigmentos Naturais

Existem diferentes formas de preparo dos pigmentos para a antotipia. O único fator obrigatório é que seja um pigmento natural ou vegetal. Pigmentos naturais são encontrados em plantas no geral – flores, vegetais, frutas, temperos, etc. Importante deixar aqui: todo pigmento natural vem de uma planta, mas nem toda planta será ideal para extração de pigmentos naturais. As melhores emulsões vêm de plantas cujas cores são fortemente saturadas (em outras palavras, alta concentração de pigmento).

As receitas variam. Além da planta escolhida, pode-se utilizar água, álcool em diferentes concentrações, vinagre e até nada, caso a planta ou fruto escolhido contenha bastante água. Não existem medidas exatas para preparar a emulsão, mas o indicado (baseando-me em minhas próprias experiências) é acrescentar o líquido aos poucos, quase em gotas. O melhor é diluir o que foi extraído de acordo com a quantidade e concentração desejada.

O primeiro passo no preparo do pigmento, após a coleta da matéria, é a maceração. Com a ajuda de um pilão, deve-se amassar e triturar a fim de extrair a cor da matéria (Figura 3). Depois de triturar brevemente, adicionar algumas gotas do líquido escolhido (água, álcool, etc.) ajuda a continuar a maceração, retirar o pigmento da matéria e já formar o suco (Figura 4).



Figura 3. Pétalas de Begonia elatior antes da maceração. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4. Pétalas de Begonia elatior maceradas com adição de álcool 70%. Fonte: Arquivo pessoal.

Outro método testado foi deixar a matéria coletada submersa em álcool 70% até que a quantidade ideal de pigmento fosse extraído por meio de infusão. Dependendo da concentração de pigmento da planta, a extração por infusão pode demorar de minutos a várias horas. Pode-se deixar reservado na geladeira enquanto o processo ocorre. Considerei o método de maceração mais prático e com resultados mais consistentes. Entretanto, para o preparo dos sucos de casca de cebola, açafrão em pó, ou flores mais secas, por exemplo, a infusão é a melhor solução – conforme observei durante os testes práticos da pesquisa. A quantidade de matéria, novamente, vai variar de acordo com o tanto de emulsão que se deseja.

No geral, para um suco satisfatório em concentração de pigmento, que cubra em idealmente três camadas uma folha de tamanho A4, uma a duas xícaras de chá da planta escolhida devem ser o suficiente. Em relação aos líquidos da mistura, nesse mesmo contexto, um dedo de álcool/água dá conta do recado. Depois disso, é

interessante passar o extrato por uma peneira ou filtro para retirar quaisquer pedacinhos da matéria que possam manchar o papel ou atrapalhar a visualização da imagem final (Figura 5).

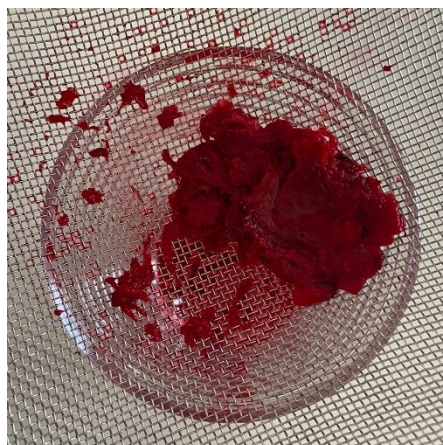


Figura 5. Pétalas de *Begonia elatior* na peneira após a escoação do suco. Fonte: Arquivo pessoal.

Outra coisa que observei a respeito dos sucos é que eles podem sair de cores diferentes do esperado no início. A flor begônia vermelha (*Begonia elatior*), por exemplo, produz imagens em tom de azul, apesar de sua infusão ser bastante vermelha. O mesmo acontece com a flor de hibisco vermelha (*Hibiscus rosa-sinensis*).

Um dos motivos que isso pode acontecer é o nível de PH do papel tingido pela emulsão. Ao pesquisar mais a fundo essa reação, encontrei na química uma explicação – e uma visão bastante curiosa sobre os processos aqui descritos. Aqui, pesquiso com finalidade de criar imagens. Na química, esse mesmo processo tem outro fim: identificar se um meio reagente é ácido ou base.

“Indicadores ácido-base, são substâncias que alteram sua cor, informando visualmente, se o meio reagente é ácido ou básico. Os indicadores podem ser classificados em sintéticos, como a fenolftaleína, o azul de bromotimol, o papel de tornassol e alaranjado de metila e, naturais, substâncias presentes em frutas, verduras, folhas e flores.” (FERNANDES, Matheus José Souza, et alii., 2021)

No caso, as frutas, verduras, folhas e flores passam pelo mesmo processo de preparo da emulsão, mas ao invés de se expor ao sol, o suco é usado como um indicador ácido-base. Explicando de forma simples, a emulsão é usada para indicar

se uma solução tem condição ácida, básica ou neutra, e isso é observado através da mudança de cor do líquido.

Podemos justificar o processo de diferenciação de cor observado com as flores *Begonia elatior* e *Hibiscus rosa-sinensis* com uma passagem do artigo “Antocianinas: Uma Breve Revisão das Características Estruturais e da Estabilidade”:

“As antocianinas, por exemplo, são substâncias naturais presentes em diversas frutas, verduras, flores e folhas coloridas, são derivadas da estrutura básica do cátion flavilium, deficiente em elétrons e muito reativo. Frequentemente, associadas a açúcares, ligados aos grupos hidroxila OH-, na presença de soluções ácidas assumem coloração vermelha e em soluções alcalinas tornam-se azuis.” (LOPES, et al., 2007).

Um outro procedimento na Antotipia que pode ser explicado por essa característica das substâncias naturais é a prática da lavagem de imagens impressas, como a utilização de uma mistura de água e bicarbonato de sódio para deixar a cor das impressões feitas com emulsão de açafrão da terra mais intensa. “A substância presente no açafrão é a curcumina. Em meio ácido ou neutro, pode apresentar vários tons de coloração amarela, enquanto nas soluções de caráter básico há predominância de cores escuras ou avermelhadas.” (FERNANDES, Matheus José Souza, et alii., 2021), o que justifica a intensificação da cor e indica o bicarbonato de sódio como base.

Essas lavagens em meio básico ou ácido podem ser interessantes na produção de imagens em Antotipia, trazendo mais possibilidades de cor para imagens produzidas com a mesma emulsão. Em um teste de lavagem em meio base (solução de bicarbonato de sódio) de uma impressão feita a partir das pétalas vermelhas da flor *Begonia elatior*, observa-se que o azul se torna amarelo (Figura 6) Em uma impressão feita a partir do suco de amoras, a lavagem em meio base (solução de bicarbonato de sódio) transforma tons de roxo em azul (Figura 7).



Figura 6. Teste de lavagem com meio base (solução de bicarbonato de sódio) em antotipia de *Begonia elatior*. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 7. À direita, teste de lavagem com meio base (solução de bicarbonato de sódio) antotipia de *Morus nigra*. À esquerda, uma impressão sem alteração também com *Morus nigra*. Fonte: Arquivo pessoal.

Outros testes foram feitos utilizando limão, vinagre de álcool e vinagre de maçã como meios ácidos, em papéis tingidos por emulsões de *Allium cepa* (cebola) (Figura 8), e das flores *Cosmos sulphureus* (cosmos amarelo) (Figura 9) e *Hibiscus rosa-sinensis* (flor de hibisco) (Figura 10). Dessa vez, apliquei os vinagres e o limão diretamente no papel, em gotas.

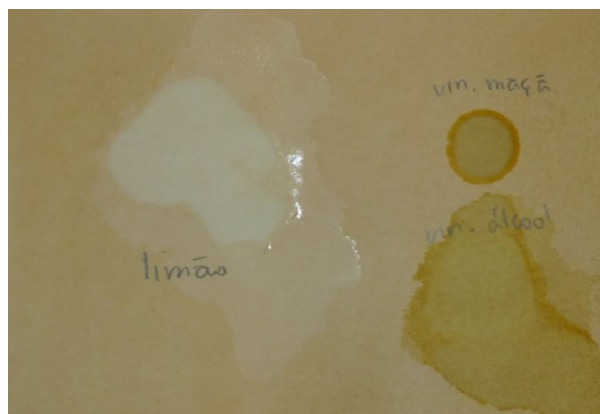


Figura 8. Teste de meios ácidos em papel emulsionado com Allium cepa (cebola).
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 9. Teste de meios ácidos em papel emulsionado com Cosmos sulphureus (cosmos amarelo).
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 10. Teste de meios ácidos em papel emulsionado com Hibiscus rosa-sinensis (flor de hibisco).
Fonte: Arquivo pessoal.

3.3. Impressão da imagem

Como descrito anteriormente, a impressão da imagem em antotipia acontece devido à fotossensibilidade dos pigmentos vegetais. Quando em contato com a luz do sol, o pigmento sofre desbotamento. Então, utiliza-se de objetos ou transparências com imagens positivas para proteger do sol determinadas partes do papel tingido para preservar o pigmento.

Para transformar qualquer fotografia em uma transparência de imagem positiva, é necessário, primeiramente, tornar a foto escolhida em preto e branco, através de programas de edição de imagem. É interessante dar preferência para programas que permitem ajustar o preto e branco de cada tonalidade da imagem, para ter mais controle na diferenciação das cores.

Alguns pigmentos naturais fazem uma boa impressão de tons intermediários entre o preto e branco, mas o mais garantido é deixar o contraste elevado. O que for escuro, bem preto, e o que for claro, sem cor. O que é preto está protegido do sol (manterá a cor do pigmento) e o que recebe luz solar será branqueado.

Para a parte prática deste trabalho, resolvi editar as fotografias utilizando preto e branco, sem tons de cinza. Após editar o contraste e a tonalidade de cada cor da imagem (Figura 11), explorei a galeria de filtros disponível no Adobe Photoshop⁸ e acabei aplicando três filtros (arestas rasgadas, reticulação e bico de pena). Assim, as sombras das imagens foram formadas por pontos pretos (Figura 12).



Figura 11. Fotografia antes da aplicação dos filtros. Fonte: Arquivo pessoal.

⁸ Programa de edição e manipulação de imagens.

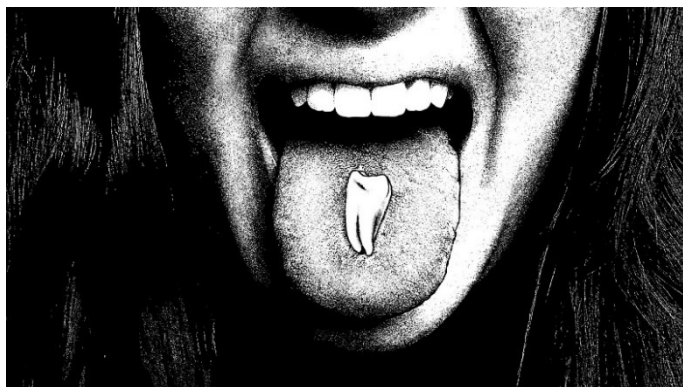


Figura 12. Fotografia editada para a impressão da transparência. Fonte: Arquivo pessoal.

Depois de editar a imagem, a impressão da transparência pode ser feita em gráficas na opção de transparência ou acetato. Com este filme positivo em mãos, monta-se um “sanduíche”: primeiro, um fundo firme – uma placa de mdf ou vidro, por exemplo – depois, o papel emulsionado, que é sobreposto pelo filme positivo e por fim a placa de vidro que manterá tudo no lugar durante a exposição solar (Figura 13). Uma estratégia que encontrei para intensificar o contraste é utilizar dois filmes positivos iguais sobrepostos para fazer a impressão, aumentando a densidade dos pretos.



Figura 13. Montagem do “sanduíche”. Fonte: Arquivo pessoal.

Além de filmes positivos, também é possível criar impressões a partir de objetos, recortes e flores, posicionando-os sobre o papel tingido. No caso dos recortes e flores, o “sanduíche” também é bem-vindo para manter as posições.

4. REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE NA EFEMERIDADE DA ANTOTIPIA

Neste capítulo, será contemplada a parte prática do trabalho. Apresento as obras resultantes dessa investigação, um conjunto de antotípias, que dialogam com os conceitos apresentados anteriormente a respeito da efemeridade da vida, da morte e do luto, assim como com experiências pessoais.

Como escrito anteriormente, a escolha da antotípias como meio para a realização deste trabalho se dá pelas particularidades da técnica, que espelham a própria efemeridade da vida. Da mesma forma que as impressões em antotípias gradualmente desaparecem sob a luz, a existência humana também é transitória, assim como todos os momentos que a compõem.

Exploro, então, através dessa característica impermanente da antotípias a produção de imagens que retratam a perspectiva que adquiri ao longo do último ano a respeito da morte, vida e impermanência, sucedendo a morte de alguém amado. Também utilizo a matéria utilizada em cada antotípias como artifício na construção de significado das imagens, relacionando as flores, vegetais e frutas às representações.

Além disso, vejo a importância de registrar que a produção me acompanha por importantes acontecimentos, além do luto, que intensificam seu significado para mim. Hoje, me pego observando tantas partes da minha vida que estão chegando ao fim. Quando acabarem, talvez não seja surpreendida da mesma forma que já fui. Me refiro aos momentos que experiencio sabendo que logo serão apenas lembranças. O lar que construí na cidade em que me graduei, ao lado de uma grande amiga, será desfeito depois de quatro anos. Não frequentarei mais a universidade. Em vez disso, guardarei um diploma. A ocupação de “estudante” não estará mais a frente dos desafios que surgirem. Sinto-me cada vez mais próxima do mundo real. A vida que conheço está aos poucos se transformando e a observo escapar com consciência da importância e inevitabilidade deste acontecimento. Mesmo assim, com esta compreensão, observo com os olhos marejados, sentindo na boca o gosto agriçoce da vida.

Não ser pega de surpresa por finais premeditados não quer dizer que não há sofrimento. Sentirei a falta e lamentarei. A diferença é que agora tenho uma maior compreensão sobre o lugar que esses fins ocupam na minha trajetória. Entendo, também, que outras coisas (que não são as que aguardo o desfecho) podem, ainda, acabar inesperadamente. Não é tarefa fácil, mas me percebo passando por

experiências estando mais presente, aproveitando enquanto sou contemplada nesses momentos.

4.1. Begônia Póstuma

Conjunto de quatro antotipias (Figuras 14, 15, 16 e 17) que registram parte do ciclo de vida de uma flor, uma Begônia Baladin vermelha (*Begonia elatior*). Ao longo de quatro fotografias tiradas em câmera digital ao longo de algumas semanas, revela-se nessa antotipia parte da vida dessa flor, até sua morte. A antotipia foi feita com uma emulsão de pétalas vermelhas da flor *Begonia elatior*, representando mais uma etapa de transformação dela.

Neste conjunto de antotipias, busco relacionar diretamente o conceito da impermanência da vida (tanto humana quanto qualquer outra) com as fases da Begônia, a partir da perspectiva de que estamos todos fadados à transformação e à morte. A extração do pigmento foi feita por maceração e água. Doze dias de exposição solar indireta. Sem lavagem especial.



Figura 14. TAFURI, Isabelle. **Begônia Póstuma (1)**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 14,8x21cm.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15. TAFURI, Isabelle. **Begônia Póstuma (2)**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 14,8x21cm.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16. TAFURI, Isabelle. **Begônia Póstuma (3)**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 14,8x21cm.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 17. TAFURI, Isabelle. **Begônia Póstuma (4)**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 14,8x21cm.
Fonte: Arquivo pessoal.

4.2. Tempo bom que não volta mais, Juízo e Primaveras

O título refere-se a três antotipias distintas, produzidas de um ponto de vista mais pessoal, do momento da vida em que me encontro. Fazem alusão ao processo de passagem para a vida adulta e amadurecimento.

A primeira imagem (Figura 18), “Tempo bom que não volta mais” foi produzida a partir de uma fotografia minha quando ainda criança. É um registro de uma das memórias mais antigas que possuo. Na foto, como uma frutinha enquanto poso para a foto. O título, por sua vez, é uma frase que me recordo ouvir diversas vezes de meus avós e pais, muitas vezes enquanto faziam alguma atividade simples que costumavam fazer quando mais jovens (tal como comer frutas diretamente do pé). É uma frase que se manifesta como uma saudação àquela época de inocência, de despreocupação. Depois de tantas vezes ouvi-la, acredito entender um pouco melhor o que significa. A antotipia foi feita com suco de amoras (*Morus nigra*), devidamente coletadas de uma amoreira encontrada pela cidade. A emulsão foi feita por maceração e diluição em álcool 70%. Doze dias de exposição solar indireta. Sem lavagem especial.



Figura 18. TAFURI, Isabelle. **Tempo bom que não volta mais**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 21x29,7cm. Isabelle Tafuri. Fonte: Arquivo pessoal.

Em “Juízo”, uso meu próprio “dente do juízo” para compor a fotografia. O dente do siso (dente do juízo) funciona como símbolo da transição da infância para a vida adulta. É de praxe, em muitas culturas, que a chegada desse dente molar permanente marque o crescimento e a chegada da maturidade. Essa antotipia (Figura 19) foi feita utilizando o suco da rúcula (*Eruca vesicaria*), relacionando seu gosto amargo à essa transição, período de muita incerteza e medo. Além disso, encontro relação entre o sabor amargo da rúcula e o fato de que crianças (geralmente) não gostam desse gosto. Nesse caso, minha boca também fazendo parte da imagem, reflito sobre a dificuldade de aceitar o fim da inocência, esse tal gosto em evidência. A emulsão se deu por maceração e diluição em água. 1 dia de exposição solar muito intensa. Sem lavagem especial.

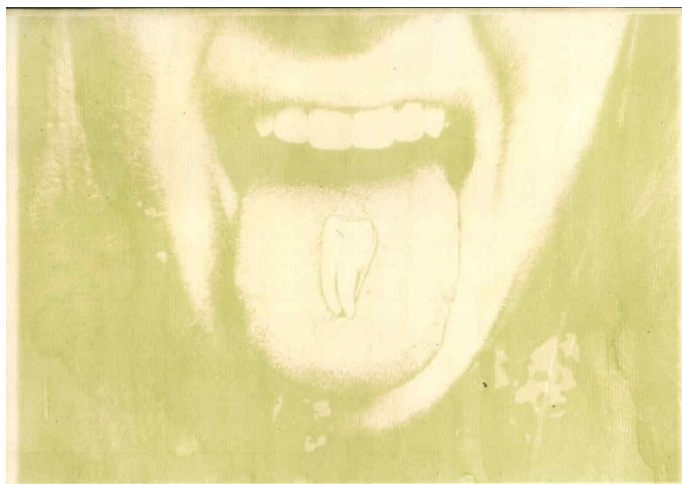


Figura 19. TAFURI, Isabelle. **Juízo**. 2023. Antotypia em Canson 300g, 29,7x21cm.
Fonte: Arquivo pessoal.

Para “Primaveras” (Figura 20), utilizei um registro do meu mais recente aniversário, em que completei vinte e três anos. Existe uma pergunta comum, muito usada para descobrir a idade de alguém: “Quantas primaveras?”. Essa pergunta reflete ao hábito cultural brasileiro de associar as estações do ano, como primaveras, aos ciclos da vida humana. Completar mais um ano de vida é marcar outro ciclo completo e um lembrete da passagem do tempo. Nessa antotypia, fiz uso da flor primavera (*Bougainvillea spectabilis*). A emulsão foi feita por maceração e diluição em água. 1 dia de exposição solar muito intensa. Sem lavagem especial.



Figura 20. TAFURI, Isabelle. **Primaveras**. 2023. Antotypia em Canson 300g, 21x29,7cm.
Fonte: Arquivo pessoal.

4.3. Luto

Dedico essa antotipia para a dor do luto, que tomou conta de mim desde outubro de 2022. Por muitos meses, era tudo que podia sentir. É a dor mais intensa, profunda e esquisita que já senti. Era como se um pedaço do meu corpo tivesse sido arrancado, mutilado, literalmente. A dor não se limita ao emocional, é física também. Um buraco no peito, vazio, que ecoa até a garganta, deixando nós por onde passa. Passar por um luto é uma experiência extremamente solitária, mesmo com a maior das companhias. O luto é individual e se desdobra para cada um de forma singular.

Foi muito difícil passar por esse último ano. O buraco não vai embora. Foi escavado aqui e não há nada que o preencha. Certa vez, em um encontro de terapia em grupo para enlutados, um dos participantes que havia perdido alguém já há algum tempo, disse que é isso mesmo: o buraco não vai embora, mas a vida floresce em volta dele. É difícil explicar isso, mas sinto verdade naquelas palavras. Agora, um ano após a partida de Guilherme, consigo ver com mais clareza. Não há um dia sequer que não pense sobre ele. Mas é como se meu corpo estivesse se acostumando com aquele buraco, vazio, e vez ou outra, enquanto a vida acontece, ele me lembra que está ali. A vida não cessa para sentirmos a dor, e o nosso corpo também não cessa de sentir o amor. Já é parte de nós. Afinal, o luto é isso: o amor que continua, sem ter para onde ir.

Para fazer essa antotipia, explorei duas flores distintas para compor diferentes significados, a perpétua (*Gomphrena globosa*) e rosas vermelhas (*Rosa spp*). Em uma primeira impressão (Figura 21), a escolha da *Gomphrena globosa* foi inspirada justamente por seu nome popular, perpétua. Quis referenciar diretamente à dor do luto, que também parece ser eterna. Fiz a extração do pigmento por maceração, submersão por algumas horas e diluição em álcool 70%. 6 dias de exposição solar indireta moderada, sem lavagem especial. Já na outra (Figura 22), fiz emulsão a partir de pétalas de rosas vermelhas (*Rosa spp*). A rosa é o mais popular símbolo de amor. Reconhecendo o luto como o amor que perdura, a escolha nunca foi tão clara. Extração do pigmento por maceração, submersão por algumas horas e diluição em álcool 70%. Dez dias de exposição solar indireta moderada. Sem lavagem especial.

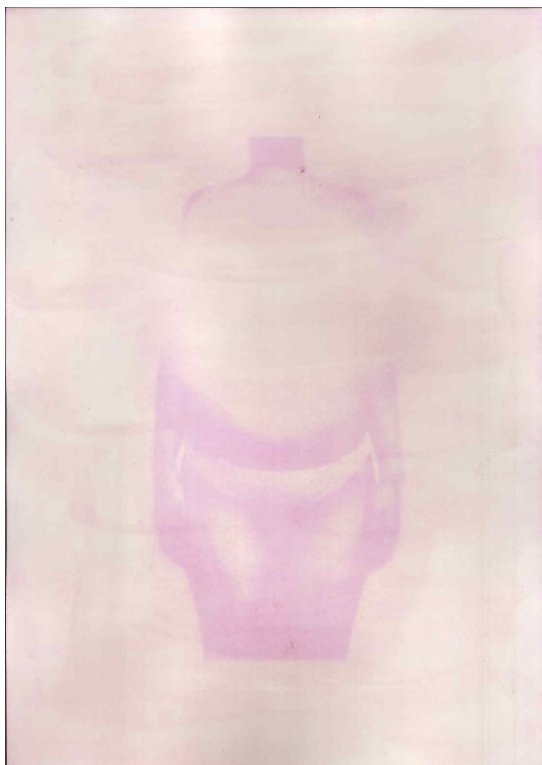


Figura 21. TAFURI, Isabelle. **Luto**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 29,7x42cm.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22. TAFURI, Isabelle. **Amor**. 2023. Antotipia em Canson 300g, 29,7x42cm.
Fonte: Arquivo pessoal.

5. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa em Artes Visuais, em que explorei os paralelos poéticos entre a efemeridade da vida e a antotipia, concluo que cumpri meu objetivo de representar visualmente uma jornada pessoal de reflexão sobre efemeridade e a morte após a perda de uma pessoa amada. A prática artística mostrou-se, para mim, um canal de superação do luto e se revelou como um catalisador para o meu próprio amadurecimento.

Em relação a antotipia, fico contente em contribuir para a pesquisa técnica desse meio de impressão fotográfica pouco utilizado.

Este trabalho de conclusão de curso é um registro do fim de mais um ciclo que completo, a graduação.

REFERÊNCIAS

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. 4 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

ARANTES, Ana Cláudia. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2016

POSSEBON, Fabrício; MEDEIROS, Gracilene Felix. **Os Rituais Fúnebres Da Pré-História À Grécia Antoga: As Bases De Uma Religião**. *Revista Observatório da Religião*, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/297>>. Acesso em 20 nov. 2023.

FABRI, Malin. **Anthotypes: Explore the Darkroom in Your Garden and Make Photographs Using Plants**. CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012.

COELHO, André Leite. **Antotipia: processo de impressão fotográfica**. 2013. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/86943>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SENECA. **Sobre a brevidade da vida**. Trad. William Li, ed. bilíngue. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

FERNANDES, Matheus José Souza ET AL. **As Cores E O Ensino De Química: Experimentação Com Indicadores Naturais Para O Ensino De Ácidos E Bases**. v.3 n.1. *Revista Eletrônica DA Faculdade Invest DE Ciências E Tecnologia*, V. 3, N. 1, 2021. Disponível em: <<http://revista.institutoinvest.edu.br/index.php/revistainvest/article/view/25>>. Acesso em 20 nov. 2023.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1989.

VILLAS BOAS, Alex. **10 anos de Teoliterária**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/issue/view/2640>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

DIAS, Patrícia Regina Corrêa. **Ritos e rituais - vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade**. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/download/328/301>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

LOPES, Ricardo Farias Martins. **A contemplação estética como ideal do nirvana búdico**. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/lopes_rfm_me_mar.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

ALVES, Ana Carolina Diniz. **Crenças ocidentais e orientais, sentido de vida e visões de morte: um estudo correlacional.** Disponível em:
<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4230/1/arquivototal.pdf>>.
Acesso em: 01 nov. 2023.

CARMO, Alexandra Sofia Tocha. **Viver a morte: ritos funerários e permanência do culto da memória no Japão contemporâneo - estudos de caso das zonas de Okazaki, Osaka e Maizuru.** Disponível em:
<<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/27199>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

GONÇALVES, Ricardo Mário. **As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários "budismos" no Brasil.**
Revista USP, n. 67, p. 198-207, 2005.